

36º Encontro Anual da Anpocs.
GT02 – Comportamento político.
Coordenadores – Lúcio Rennó Júnior (UNB), Mario
Fuks (UFMG)

**Racionalidade, identidade e personalismo na eleição para
o governo da Paraíba em 2010**

Janaína Nascimento (UTFPR)

Águas de Lindóia, 23 de outubro de 2012

RACIONALIDADE, IDENTIDADE E PERSONALISMO NA ELEIÇÃO PARA O GOVERNO DA PARAÍBA EM 2010

Janaína Xavier do Nascimento¹

A principal questão a nortear o presente estudo consistiu no que se segue: quais foram os principais determinantes da decisão de voto em favor do candidato eleito Ricardo Coutinho? A metodologia empregada compreendeu o método qualitativo e a técnica de pesquisa consistiu em grupos focais, tendo sido realizados doze grupos focais em cinco das principais cidades do estado. Os resultados do estudo revelaram uma decisão de voto fortemente pautada na tríade analítica racionalidade, identidade e personalismo. Por fim, embora se trate de um estudo de caso, os resultados encontrados fornecem hipóteses relevantes que seguem exigindo investigação para melhor compreender o comportamento eleitoral brasileiro.

¹ Professora adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

INTRODUÇÃO

Em meados de 2010, o cenário político-eleitoral paraibano revelava um contexto estrutural e institucional consideravelmente favorável à reeleição do governador José Maranhão (PMDB). Em termos da avaliação de sua administração, uma pesquisa de opinião realizada em maio daquele ano² revelava níveis altos de aprovação de sua gestão com 52% dos entrevistados classificando sua administração como ótima e boa. E quando perguntados se aprovavam ou desaprovavam a maneira como o governador vinha administrando o estado, o percentual ia para 66%. Essa aprovação não apresentava diferenças significativas em relação a sexo e renda. Já no que diz respeito à faixa etária, escolaridade e região, era possível observar algumas diferenças observando-se níveis mais baixos de aprovação entre jovens de 25 a 29 anos, com níveis de escolaridade mais altos e residentes em Campina Grande e no sertão. Além dos níveis altos de aprovação, o candidato contava com o apoio do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, cuja aprovação era extremamente alta na região, sua administração sendo classificada entre boa e ótima por 90% dos entrevistados. Por fim, também dispunha do apoio de parcela majoritária dos prefeitos. Nesse contexto, a mesma pesquisa revelava intenção de voto espontânea de 28% e intenção de voto estimulada de 40%.

Não obstante tais condições favoráveis, José Maranhão foi derrotado no segundo turno pelo seu principal adversário, Ricardo Coutinho. Por que diante de condições tão favoráveis o candidato à reeleição foi derrotado? Lançar luz sobre essa questão constitui um dos objetivos desse estudo em paralelo com um objetivo de ordem mais teórica, qual seja: investigar a validade da tríade analítica formada pelas categorias racionalidade, identidade e personalismo para compreensão do comportamento eleitoral em questão. Vale ressaltar que o caráter profícuo dessa tríade foi sugerido em estudo anterior sobre o voto em Lula da Silva na eleição presidencial em 2006 (NASCIMENTO, 2011). Além da questão central acima mencionada, outras serão analisadas: o que motivou os eleitores paraibanos a fazerem sua escolha eleitoral em favor de Ricardo Coutinho? Quais foram os principais determinantes dessa decisão de voto? A metodologia empregada compreendeu o método qualitativo e a técnica de pesquisa consistiu em grupos focais

² Pesquisa realizada pelo IBOPE.

(especificidades metodológicas serão apresentadas abaixo). O artigo está dividido em três partes: a primeira metodológica, a segunda teórica e a terceira analítica.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Não é novo o uso da técnica dos grupos focais no âmbito das Ciências Sociais (MERTON e KENDALL, 1946; MORGAN e KRUEGER, 1998; FLICK, 2004; GASKELL, 2002; WELLER, 2010). Essa técnica de entrevista teve início em estudos realizados no pós-guerra em pesquisas sobre reação do público à propaganda tendo à frente Robert Merton e Paul Lazarsfeld. Nos últimos anos no Brasil acentuou-se o interesse pelas técnicas de entrevistas em grupo, entre as quais estão situados os grupos focais, utilizados em grande medida em pesquisas psicológicas e antropológicas na área de saúde (WELLER, 2010), mídia, como também em pesquisas político-eleitorais, contribuindo para o mapeamento do perfil de eleitores influenciando assim a definição de diretrizes de partidos políticos e candidatos. A técnica de grupos focais também vem sendo frequentemente usada na avaliação e redefinição de políticas públicas. A técnica caracteriza-se por grupos formados por um número de seis a dez pessoas que partilham de determinadas características sociodemográficas de modo a formar um grupo internamente homogêneo coordenado por um “moderador” ou “facilitador” guiado por um roteiro de questões semelhantes ao roteiro de uma entrevista semi-estruturada em reuniões com duração aproximada de duas horas. Nesses grupos busca-se apreender processos psicossociais, representações sociais, percepções e atitudes referentes ao tema investigado levando-se em conta a linguagem verbal e não verbal dos entrevistados. O pano de fundo teórico-metodológico a ancorar a técnica baseia-se no interacionismo simbólico, fenomenologia e etnometodologia, sendo um ponto convergente o *verstehen* como princípio epistemológico (FLICK, 2004).

Em se tratando desse estudo em específico, a composição dos grupos orientou-se por fatores sociodemográficos (sexo, idade, classe) e atitudinais (intenção de voto). No total foram realizados doze grupos focais distribuídos entre as cidades com maior colégio eleitoral (João Pessoa e Campina Grande) e cidades representativas do sertão do estado (Patos, Cajazeiras, Sousa). Os grupos eram mistos em relação ao sexo, com faixa etária de 24 a 55 anos e provenientes das classes C e D. Em relação à intenção de voto os

grupos foram constituídos por eleitores com intenção de voto no candidato governista, José Maranhão, no candidato oposicionista Ricardo Coutinho e indecisos. Assim, em cada grupo composto de dez participantes, havia dois eleitores indecisos, quatro pró-Maranhão e quatro pró-Coutinho. A fase de coleta dos dados compreendeu o período de 03 a 10 de julho de 2010.

Por fim, embora a escolha metodológica não possibilite generalizações estatísticas, contribui para compreensão dos processos psicossociais que embasaram a decisão de voto do eleitor paraibano. Ademais estudos posteriores podem utilizar os resultados apresentados como hipóteses a serem testadas com vistas a generalizações estatísticas no sentido de melhor compreender o comportamento eleitoral brasileiro.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

Na literatura nacional e internacional tem sido defendida a centralidade das categorias racionalidade, identidade e personalismo para compreensão do comportamento eleitoral, no entanto, tendem a ser tratadas como categorias excludentes que remetem a abordagens teóricas distintas. No presente estudo e em estudo anterior (NASCIMENTO, 2011) venho defendendo a relevância da articulação dessas categorias para explicação do objeto em discussão. Abaixo se seguem breves considerações sobre as mesmas.

Voto racional

A questão da racionalidade da ação bem como a crítica à onipotência da razão alimentam incessantes debates nas Ciências Sociais. Aqui, a defesa do voto racional não ignora essa discussão, tampouco partilha da crença numa razão onipotente imersa no real e nas interpretações dele. Contudo, como Max Weber mostrou com sua tipologia da ação, a ação racional, seja ela instrumental, seja baseada em valores, está presente na modernidade e nela assume um papel relevante. Nesse sentido, o que significa pensar o processo de decisão de voto como racional? Segundo Downs (1999, p. 57), “cidadãos agem racionalmente em política”, significando que “cada cidadão vota no partido que ele acredita que lhe proporcionará mais benefícios do que qualquer outro”. Os benefícios a que se refere são aqueles resultantes das atividades governamentais: policiamento, tratamento de água, pavimentação, coleta de lixo. No caso do Brasil, devem ser inclusas saúde e educação. Downs (1999, p. 58) explica que “apenas os benefícios dos quais os

eleitores se tornam conscientes podem influenciar suas decisões de voto”. Tais afirmações remetem à velha discussão sobre concepções hobbesianas ou rousseauianas dos atores sociais, entretanto, Downs (1999, p. 58) também não estava alheio a ela. Nessa perspectiva entram nos cálculos do eleitor racional dois períodos eleitorais, aquele que termina no dia da eleição e o que inicia com a eleição. Como o eleitor calcula os benefícios esperados? Comparando o desempenho futuro dos concorrentes, mas, como não é ingênuo, sabe que não pode levar em conta apenas a comparação das plataformas. É preciso estimar o que “realmente fariam se estivessem no poder”. Para tanto, o eleitor leva em conta passado, presente e futuro, considerando os benefícios recebidos e aqueles que seriam recebidos se a oposição estivesse no poder. Na avaliação do desempenho futuro, ele considera o fator tendencial – o governo atual está indo bem ou mal? – e avaliações de desempenho, um “julgamento feito sobre a folha de serviços do partido no poder” que remete o eleitor a uma decisão pela continuidade ou pela mudança.

O trabalho de Downs, primeira edição de 1957, tornou-se uma referência importante, fomentando trabalhos ora convergentes, ora hostis a seus argumentos. Apesar das restrições e das debilidades que lhe têm sido apresentadas – dificuldade ou impossibilidade de explicar como se formam as preferências partidárias, ou falta de embasamento empírico para a pressuposição de um eleitor informado, interessado e envolvido em política – seu trabalho é importante por realçar a racionalidade e instrumentalidade do voto.

Buscando superar algumas debilidades da teoria de Downs, o trabalho de Fiorina (1981) demonstrou que, independentemente do grau de informação sobre o processo político, eleitores se posicionam não aleatoriamente por meio do voto em relação à atividade governamental em curso. De modo que, baseado em Downs (1999) e Key (1966), propõe uma teoria do voto retrospectivo em que se articulam fatores de longo prazo (identificação partidária) e fatores de curto prazo (avaliação de desempenho do governo). Ainda em relação à crítica recorrente de que a suposição da racionalidade carrega dentro de si o pressuposto de altos níveis de informação e sofisticação política, é necessário ressaltar: mesmo que o voto seja desinformado ou pautado em equívocos ou falseamento do real, não significa que seja irracional. Em suma, voto racional não pressupõe níveis

altos de informação e sofisticação política, mas o caráter instrumental e até certo ponto reflexivo do voto.

Nessa perspectiva a avaliação do desempenho administrativo do governo num sentido retrospectivo e prospectivo assume papel fundamental na decisão de voto, e o estado da economia desempenha um papel extremamente importante. Assim, diante de uma economia em crescimento, o candidato governista tende a obter maior aprovação e ser premiado com o voto como instrumento de continuidade das políticas vigentes. Por outro lado, diante de uma economia estagnada ou recessiva, o candidato governista tende a ser punido com o não voto como instrumento de mudança que favorecerá o candidato oposicionista.

Estudos realizados no Brasil sobre a eleição presidencial de 1989, 1994, 1998 e 2006 (MENDES e VENTURI, 1994; MENEGUELLO, 1995; CARREIRÃO, 2002; RENNÓ e CABELLO, 2010) demonstram o papel central do voto retrospectivo tendo na economia um componente crucial para essa avaliação. Contudo, explicar a vitória do candidato oposicionista com base unicamente no voto racional e retrospectivo não basta, uma vez que outros determinantes contribuíram para a escolha eleitoral. É o que se verá a seguir.

Voto mediado pela identidade

As tentativas de elucidar o conceito de identidade e os processos identitários nele expressos, isto é, a reflexão sobre unidade na diversidade e permanência na mudança não estão circunscritas a um único campo de conhecimento. Esse conceito tem uma história muito longa, que permeia campos disciplinares distintos como filosofia, psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia e, mais recentemente, teoria feminista, estudos culturais e estudos pós-coloniais. Neste artigo, o conceito de identidade não se define em sua acepção lógica ou ontológica. A definição aqui se reporta a Nascimento (2005), privilegia um enfoque sociológico e se nutre do diálogo contemporâneo com a filosofia, a teoria feminista e os estudos culturais. Em contraposição a dimensão cognitivo-racional e essencialista enfatiza a dimensão cultural e relacional das identidades. A relevância atribuída a essas dimensões está presente em tendências teóricas distintas e seus vários autores como Charles Taylor, Manuel Castells, Norberto Elias, Stuart Hall, Chantal Mouffe, entre outros. Taylor (1997) aclara essa dimensão relacional ao remeter aos

papéis fundamentais dos interlocutores, das redes de interlocução e da linguagem. Assim, o conceito de identidade ancora-se nas categorias de identificação, classificação e reconhecimento, como abaixo:

[...] identidade compreende acima de tudo um sentido de pertencimento baseado em identificação, do qual resultam formas de classificação e diferenciação entre o eu e o outro, entre nós e eles, e que não prescinde de reconhecimento. O sentimento de pertença a determinados agrupamentos sociais ou comunidades (nacionalidade, raça, gênero, etnicidade, sexualidade) está baseado na partilha de significados produzidos através da identificação e relações de reconhecimento com outros significantes (NASCIMENTO, 2005, p. 26).

A identidade refere-se a uma “compreensão de quem somos, de nossas características definitórias fundamentais como seres humanos”, e ainda: “A importância do reconhecimento é agora amplamente reconhecida de uma forma ou outra; [...] todos sabem que a identidade pode ser formada ou mal formada no curso de nosso contato com outros significativos” (TAYLOR, 2000, p. 241, 249).

De forma sintética, pode-se dizer que as identidades têm uma dimensão relacional fundante, isto é, constituem-se por meio da interação com o outro. Esse outro é capaz de reconhecer e de ser reconhecido, mas também de negar ou distorcer esse reconhecimento. É, portanto, uma relação marcada pelo conflito, pelo poder e pela negociação, de maneira que, num processo em que a relação com o outro é fundamental, a categoria reconhecimento assume um lugar de extrema relevância, passando a ser um elemento constitutivo das identidades praticamente inquestionável, sejam elas identidades de gênero, étnicas, nacionais, regionais, sejam outras.

Saindo do plano geral e conceitual da constituição de identidades e localizando a questão no comportamento eleitoral, é oportuno remeter a Reis (1988, p. 36), que, há alguns anos, afirmou: “a identidade está sempre em jogo”, seja no comportamento eleitoral brasileiro, seja no americano, no europeu:

Ela está em jogo ‘na síndrome do Flamengo’ em que ‘os pobres’ são contrapostos aos ‘ricos’ [...], da mesma forma que está em jogo na ‘identificação’ herdada com Democratas ou Republicanos, nos Estados Unidos, ou na identificação supostamente *issue-oriented* do trabalhador europeu com este ou aquele partido socialista (REIS, 1988, p. 36, grifos do autor).

Para finalizar este tópico, saliente-se: além da racionalidade do voto, que implica uma avaliação retrospectiva e prospectiva das condições e candidatos apresentados, é possível constatar o papel fundamental do fator identidade que se refere, em boa parte, à capacidade do candidato em criar um elo de identificação com o eleitor.

Voto personalista

O personalismo político tem sido uma característica bastante enfatizada nos estudos sobre comportamento eleitoral brasileiro, nos quais se enfatiza o declínio do papel dos partidos políticos, uma espécie de “esmaecimento dos laços psicológicos” entre eleitores e partidos (BAQUERO, 2007; LAVAREDA, 1999; MENEGUELLO apud CARREIRÃO e KINZO, 2004; SAMUELS, 2004). Seja remetendo a cultura política brasileira, marcada pelo clientelismo e patrimonialismo, seja remetendo a aspectos institucionais do sistema eleitoral como regras eleitorais que reforçam posicionamentos individualistas dos candidatos, ressalta-se a existência de fraca identificação partidária em contraposição ao personalismo.

Observa-se que a direção do voto da maioria do eleitorado brasileiro não se tem orientado por identificação partidária ou ideológica, e sim pela “pessoa do candidato” ou imagem do candidato. Interessa destacar que esse aspecto do enfraquecimento da identificação partidária tem-se mostrado presente não somente no caso brasileiro, sendo abordado como tendência mundial, naturalmente com taxas diferenciadas nos diferentes contextos culturais e institucionais. Segundo Carreirão e Kinzo (2004, p. 135), no debate internacional estaria havendo “crescente consenso sobre o declínio da importância da identificação partidária na decisão eleitoral”.

Quanto à eleição presidencial de 1989, Carreirão (2002, p. 114) observa que “teríamos apenas cerca de 30% dos eleitores para quem a preferência partidária poderia ter influenciado o voto”. Curiosamente, esse percentual volta a aparecer nos anos 2000. Samuels (2004), com base em dados do Eseb de 2002, delinea um quadro do eleitorado brasileiro atentando para sua baixa identificação partidária. Também aí apenas um terço desse eleitorado apresenta preferência partidária, e desses, a maioria expressa preferência pelo PT. Vários estudos, desde a Escola de Michigan, demonstram que, onde há preferência partidária, observa-se forte relação entre esta e a decisão de voto. No entanto,

como atestam Samuels (2004) e Carreirão (2002), a não manifestação dessa preferência ou identificação partidária tem sido constante e generalizada nas eleições brasileiras.

Na eleição presidencial de 2006, constataram-se vários aspectos do personalismo político brasileiro (BAQUERO, 2007), não obstante as análises que negam sua relevância na explicação dessa eleição (RENNÓ e CABELLO, 2010). Um indicador importante desse personalismo é a dissociação entre o desempenho eleitoral de Lula, marcado pela ampliação de sua base de apoio, e o desempenho do PT nas eleições proporcionais, marcado pela redução do percentual de votos obtidos em relação a 2002. Nas eleições de 2006 pode-se afirmar que foi o personalismo que saiu vitorioso, pois, a despeito dos escândalos em que o governo foi envolvido, o presidente Lula conseguiu manter e até aumentar sua base de apoio popular, garantindo um segundo mandato (BAQUERO, 2007, p. 234).

Outro indicador relevante é apresentado no estudo em que se observa o enfraquecimento ainda maior da identificação ideológica e partidária em relação à decisão de voto na eleição presidencial de 2006, provocado por uma “diluição das diferenças ideológicas entre partidos” na percepção dos eleitores, depois do primeiro mandato de Lula (CARREIRÃO, 2007, p. 309). Note-se ainda que em 2006, parte majoritária do eleitorado (60%) não manifestou preferência por nenhum partido.

3. ANÁLISE DE DADOS

Como ressaltado acima, o candidato à reeleição José Maranhão pelo PMDB estava inserido num contexto de condições políticas e institucionais bastante favoráveis, entretanto o resultado das urnas “desconsiderou” tais condições dando a vitória a Ricardo Coutinho pelo PSB. Suas candidaturas ancoravam-se nas seguintes coligações partidárias: José Maranhão (PRB / PP / PT / PTB / PMDB / PSL / PSC / PR / PHS / PMN / PC do B / PT do B) e Ricardo Coutinho (PDT / PTN / PPS / DEM / PTC / PSB / PV / PRP / PSDB). Abaixo se seguem os resultados do segundo turno no estado e nos municípios onde foram realizados os grupos focais.

Resultado final da eleição para governador na Paraíba em 2010		
Candidatos	Votos válidos	Percentual
Ricardo Coutinho	1.079.164	54%
José Maranhão	930.331	46%

Fonte TSE

Resultado da eleição em municípios específicos	
Municípios	Percentual de votos obtidos por Ricardo Coutinho
João Pessoa	58%
Campina Grande	63%
Patos	51%
Cajazeiras	54%
Sousa	60%

Fonte TSE

3.1 Grau de satisfação com a vida cotidiana

Na pesquisa de opinião divulgada em maio de 2010 constatava-se entre os eleitores paraibanos, amplo e generalizado grau de satisfação com a vida cotidiana³. Diante da questão “Como diria que se sente em relação à vida que vem levando hoje?”, 83% dos entrevistados afirmou estar “muito satisfeito” ou “satisfeito”; não havendo diferenças significativas por sexo, faixa etária, escolaridade, renda e região. Nos grupos focais realizados algumas semanas depois, os entrevistados explicavam que a vida estava melhorando tanto no país como na cidade, o que era creditado às ações do Governo Federal, notadamente aos programas sociais, cujo impacto sobre o aumento do poder aquisitivo era frequentemente destacado. Além dos programas sociais, eram enfatizadas as políticas educacionais inclusivas e uma atuação mais efetiva da Polícia Federal, incluindo no raio de ação da lei não somente os criminosos de baixa renda, mas também os “poderosos”.

³ Fonte IBOPE, 2010.

Há 15 anos atrás quem ganhava um salário mínimo, por exemplo, não podia comprar uma TV. Hoje em dia, quem que não tem um TV dentro de casa? Quem que não tem um sonzinho bacana, uma geladeira nova? Todos, eu acredito que tenham. Então, eu acho que, finalmente, melhorou. Tinha pobre que não tinha nem uma bicicleta, quanto mais uma moto. No sertão mesmo, o povo trocou o burro por uma moto. Até dentro do cercado, é gente catando boi de moto. (Homem, 45 anos, Campina Grande, CD)

Tem muito corrupto indo pra cadeia. Gente grande, até policial e deputado indo pra cadeia, coisa que a gente nunca viu no Brasil. Hoje em dia até pra juiz tem punição. Isso aí a lei melhorou muito no Brasil. (Mulher, 30 anos, Patos, CD)

Eu acho que, pra mim, a educação tá melhorando. Pelo fato até de um curso superior. Eu pretendo fazer um curso superior e tô tendo mais chances hoje do que meu irmão teve antes. Meu irmão tentou e não conseguiu. Hoje eu posso recorrer à baixa renda porque na universidade daqui você tem direito a uma bolsa. 50% das vagas é destinado a pessoas de baixa renda. (Homem, 22 anos, João Pessoa, C)

3.2 Visões acerca do contexto político-econômico estadual

Em consonância com os dados da pesquisa quantitativa, os dados da pesquisa qualitativa revelaram a predominância de percepções positivas ancoradas em melhorias na área de infraestrutura, na área social, bem como na área de desenvolvimento econômico com impacto positivo sobre a geração de empregos. Segundo eleitores entrevistados, a Paraíba teve durante muito tempo a imagem de “estado atrasado”, fato que estaria mudando. Na área de infraestrutura ressaltaram melhorias na rede viária paraibana. Na área social, hospitais estariam sendo reformados e construídos. E no âmbito político, comparativamente ao passado, estaria havendo maior transparência. Abaixo seguem algumas verbalizações ilustrativas dessas percepções.

Antigamente, a gente era conhecido como “PB” (povo besta ou povo burro). Mas agora a gente é conhecido nacionalmente, e não é só por causa do maior São João do mundo, temos vários outros valores. Melhorou muito o nível de emprego e a quantidade de emprego também. Hoje tem mais opções. (Mulher, 25 anos, Campina Grande, CD)

Melhorou primeiro pela lei do nepotismo. Aquela campanha do nepotismo. O que tinha de funcionário laranja, o que tinha de parente de deputado, vereadores, agregados sem fazer nada... Mas essa lei ajudou bastante. Inclusive teve até deputados e vereadores que foram cassados por isso. (Homem, 42 anos, João Pessoa, CD)

Nesse contexto, o governo de José Maranhão tendia a uma avaliação majoritariamente positiva como foi observado acima. Nos dados qualitativos observavam-se as razões dessa avaliação, quais sejam: na área de infraestrutura ocorreram investimentos na malha viária (como a BR230); na área de saúde ressaltavam ampliações e reformas em hospitais, além de parcerias realizadas entre hospitais, o que melhorou a qualidade e a rapidez do atendimento; na área da educação teriam ocorrido reformas nas escolas, além da implantação de cursos profissionalizantes. Por fim, na área de geração de emprego teria incentivado instalação de novas empresas na Paraíba.

Ele trabalhou, ele fez sim. O Trauma, o hospital do Trauma, depois que Maranhão retornou o hospital tá indo pra frente. Todo mundo tá vendo aí. E no começo do governo dele que ele trouxe um bocado de empresas que gerou um bocado de empregos. Realmente, no começo do governo dele, ele fez muito isso. Trabalhou bem em cima do emprego, entendeu? Ele fez muito isso no começo do mandato dele, da gestão dele. (Mulher, 50 anos, João Pessoa, CD).

Ele aumentou a maternidade, o restaurante, a Ceasa, liberou verba para o prefeito daqui. Por essas obras ele trouxe benefícios. (Mulher, 40 anos, Patos, CD)

Mas como explicar o fato de que mesmo havendo avaliação majoritariamente positiva de sua administração, os eleitores paraibanos optaram pela mudança e não pela continuidade? Antes de partir para uma análise centrada no candidato Ricardo Coutinho, faz-se necessário destacar as fontes de insatisfação do eleitor com o candidato/governador. Essas se mostraram mais evidentes entre eleitores residentes em João Pessoa e em Campina Grande, sobretudo nessa última. Observem-se as críticas mais citadas: descontinuidade de programas iniciados pelo governo anterior de Cássio Cunha Lima, sendo mais enfatizados os programas Pão e Leite no estado e o de habitação em Campina Grande; interrupção da construção do Hospital de Trauma em Campina Grande. Em João Pessoa, escolas estaduais teriam sido abandonadas. Também foram ressaltados problemas em relação ao funcionalismo público como a continuidade de práticas nepotistas, as quais teriam diminuído, mas permaneceriam presentes, e o não reconhecimento de resultados de concursos públicos. Além disso, a privatização do banco do estado e da Saelpa (Companhia de energia elétrica da Paraíba) e o consequente aumento da tarifa para os usuários foram bastante criticados. Para eleitores de Campina Grande a cidade era fortemente negligenciada pelo governador por ser considerada “reduto eleitoral” de Cássio Cunha Lima.

Programa do Pão e leite era um programa dele. De Cássio. E Maranhão quando entrou, só porque era de Cássio, ele não acabou de vez pra não dar muito na vista, mas, foi cortando devagarzinho. Hoje quase acabou. (Mulher, 33 anos, João Pessoa, CD)

No caso, a questão dessas casas aí que estão paradas agora foi do governo de Cássio Cunha Lima. Ele começou e tá tudo parado agora depois que Maranhão entrou. Ele não gosta de Campina Grande, tem mágoa porque aqui muita gente gosta de Cássio. Maranhão não olha pra Campina. E gente que trabalha pra ele diz que não trabalha em Campina porque Campina é o curral de Cássio. Então pra mim ele não é um bom governador. (Homem, 50 anos, Campina Grande, CD).

Por fim, sua imagem foi associada ao passado, à oligarquia e à falta de renovação, sendo essa imagem contraposta ao futuro representado por Ricardo Coutinho, cuja “cabeça mais aberta”, “eficiência”, “transparência” e estilo mais democrático de gestão estariam em consonância com a Paraíba que aspiravam.

Maranhão é uma mesmice mesmo. Não é o velho. É a mesmice. É quase sempre a mesma coisa. Ele não é experiência porque até agora, em doze anos de governo dele, o que é que ele fez aqui? Nada. Não construiu nada. Não é por ele ser velho, não. Não, eu tô falando aqui de construção. Não, não é casa, não. Construção, não é construção de parede. Eu tô falando no desenvolvimento cultural, entendeu? Educacional! (Homem, 38 anos, João Pessoa, CD).

Eu não voto nele (JM) pelo seguinte: porque Ricardo Coutinho é uma pessoa mais eficiente de que ele, é um ótimo administrador. Tem uma cabeça mais aberta, até mesmo pra um debate, pra uma opinião. Quer dizer, já o José Maranhão, ele não tem essa conduta desse debate com o povo, dessa ajuda que o povo pode até dar. Então, eu tenho certeza absoluta que Ricardo, ele é mais transparente, ele é mais administrador, ele tem a cabeça mais jovem. Maranhão teve tantas oportunidades de mudar e não mudou. E Ricardo com tão pouco tempo de prefeitura fez o que fez já. Eu acho que pelo tempo que ele tem lá conta negativo pra ele. A gente tem que se preocupar com o que é que ele vai privatizar agora, né? E agora é a CAGEPA, né? A CAGEPA foi a única que sobrou pra ele privatizar (Mulher, 41 anos, João Pessoa, CD)

A verdade é que José Maranhão só tem atenção pra João Pessoa e Campina Grande. O que vem aqui pra Cajazeiras é resto. Tudo de bom fica lá. Quando sobra alguma coisa eles dizem, agora vamos aplicar lá no interior. Ele esquece o sertão (Homem, 55 anos, Cajazeiras, CD).

Desse modo, anunciava-se um forte desejo de mudança para a Paraíba nos próximos quatro anos. Note-se que a presença desse sentimento mostrou-se bastante generalizada, tanto no que se refere às cidades investigadas, como no que diz respeito à intenção de voto, não estando circunscrita aos eleitores desfavoráveis a José Maranhão. E mudar o

quê? Eleitores ressaltaram desejo de mudança na economia e na política do estado. Nesse sentido reivindicavam maior desenvolvimento que, por sua vez, implicassem em geração de emprego. Também demonstraram o desejo de estarem qualificados para os novos postos de trabalho, vendo no investimento em educação a condição para isso. Já em relação à política do estado, criticavam a política de clientela que usava emprego público em troca de votos e apoio político, a corrupção, a descontinuidade de ações entre governos, o revanchismo e perseguição política exemplificados na falta de apoio a cidades onde candidatos eleitos obtêm menos votos e cujos prefeitos são adversários políticos. Nessa perspectiva, o fato de ter sido governador três vezes fortalecia o desejo de mudança, uma vez que já teria tido várias oportunidades de trabalhar pelo estado, sendo agora um momento para mudar. Eleitores desfavoráveis a José Maranhão ressaltaram ainda que apesar de ter sido governador três vezes, apenas teria sido porque o governador que estava no poder ou morreu ou foi afastado, não sendo, portanto, um governador eleito e escolhido pelos paraibanos.

Eu não vou votar porque ele é um péssimo governador. Não faz nada. As pessoas no meu bairro não querem votar nele por causa da SAELPA que ele privatizou. Todo mês quando chega o papel da energia é uma esculhambação com ele. (Mulher, 25 anos, Cajazeiras, CD).

Agora o ruim foi ele ter vendido a SAELPA. Que a gente pagava energia de graça, hoje você tem que escolher entre uma lâmpada acesa e um copo de leite pra seu filho. Você tem que ir na mente dos filhos, 'olhe! Desliga a lâmpada senão amanhã não tem leite pra vocês (Mulher, 38 anos, Sousa, CD).

Todo mundo só espera mudança, acompanhar os outros estados como o Ceará que tá se desenvolvendo, que tem um bom turismo. A gente quer mudança na educação, na saúde, principalmente na saúde. Eu estive conversando com um pessoal de João Pessoa e eles falaram que o prefeito de lá mudou radicalmente a cidade. E pra melhor! É isso que a gente quer. Desenvolvimento, oportunidade de emprego, investir no transporte, criar cursos profissionalizantes e qualificação para os trabalhadores. O povo não aguenta mais a mesma coisa. Eu viajo a Paraíba inteira e todo mundo está querendo mudança, o povo só fala em mudança, tem que ter um candidato novo que realize essa mudança (Homem, 48 anos, Sousa, CD).

Na verdade, ele não ganhou nenhuma eleição. Ele entrou porque os outros saíram. Mas ninguém o elegeu de verdade. Então não venha dizer que ele é bom. Um homem que vendeu a SAELPA. Que a energia vinha bem barata e hoje eu pago R\$200,00 de conta de energia. Isso é um absurdo! (Mulher, 43 anos, Sousa, CD).

Ele já passou três vezes no poder e não fez nada. Vai mamar mais uma vez ainda? Como é que a pessoa vai votar numa pessoa que já foi três vezes

governador e não fez nada de bom?! Ele deveria dar oportunidade a outro (Homem, 30 anos, Cajazeiras, CD).

Pra mim o melhor é Ricardo Coutinho porque o outro a gente já sabe como é. Não tem condições de Zé Maranhão continuar nesse barco, não, ele pode ganhar por causa do dinheiro. Zé Maranhão não faz mais nada. Tá superado mesmo, ele não tem mais o que dá não. Por isso eu aposto em Ricardo Coutinho, no novo (Mulher, 34 anos, Cajazeiras, CD).

3.3 A decisão de voto em Ricardo Coutinho

Vão sendo evidenciadas as razões da derrota eleitoral do candidato governista. É necessário nesse momento nos atermos as motivações para o voto no então prefeito de João Pessoa. Em primeiro lugar, é importante destacar que Ricardo Coutinho era detentor de uma boa avaliação do ponto de vista administrativo como prefeito da capital, o principal colégio eleitoral do estado. Um dos aspectos mais relevantes era sua imagem associada à renovação e mudança desejadas (*“Para sair de Maranhão e Cássio Cunha Lima”*). Como indicadores de sua “eficiência” foram enfatizadas algumas de suas ações como: a Estação Ciência, criação do sistema integrado de transporte, investimento em turismo, iluminação de ruas, reorganização da cidade deslocando os camelôs do centro, reforma do mercado público, revitalização de praças, aumento das creches, investimento em educação e cultura, criação de um plano de cargos e carreiras na prefeitura.

Eu vejo o que ele faz. Ele foi o primeiro prefeito a fazer um plano de cargo, de carreira e salário dentro da prefeitura. Ele foi o primeiro prefeito a fazer uma escola com dois turnos, com almoço, com tudo pras crianças. Ele foi o primeiro prefeito que abriu espaço pra cultura, porque, antigamente, a pessoa ia fazer um São João, trazia dez pessoas lá de fora e nenhuma daqui. Hoje, não. Hoje é aqui (Homem, 40 anos, João Pessoa, CD)

Aqui pra João Pessoa ele trouxe muitos hospitais, fez muitas praças, muitos prédios culturais, muita creche. Em todo o bairro tem uma creche, porque o outro não fazia nada. Você não via ação nenhuma. Então ele foi o único que ainda fez alguma ação. Até na infraestrutura mesmo. Fez essa escola na Beira Rio, fez outra escola lá...fez a Reforma do mercado público (Mulher, 39 anos, João Pessoa, CD).

Ricardo Coutinho pode não ter feito muito, mas o pouco que ele fez nenhum prefeito até hoje fez aqui em João Pessoa. Ele trabalhou bem. Ele é uma referência. Ele fez um bom trabalho. Fez agora uma integração e, com relação ao transporte, ajuda muito pra quem mora fora e pega dois ônibus. Pra o pessoal que tava na rua, os camelôs, ele fez vários shoppings populares, e ajudou muito, limpou a cidade, a cidade agora tá bem organizada. Ele fez uma estação de

ciências, uma coisa que pra gente é outro mundo! Se tornou o marco daqui. Quando se fala em ponto turístico, esse é referencia. E ainda ele é transparente porque eu acho que é a única prefeitura que consegue colocar na internet pra onde ta indo o dinheiro. Então ele faz isso assim corretamente. Ele mostra pra onde ta indo o dinheiro (Homem, 44 anos, João Pessoa, CD).

Pelo que eu escuto falar dele ele foi um bom prefeito e eu nunca ouvi nenhuma denúncia de corrupção dele. Ele foi considerado um dos melhores prefeitos do Brasil. Ele é um bom prefeito para a capital, é um candidato que tem muito a oferecer e foi o prefeito mais bem votado do Brasil (Homem, 28 anos, Sousa, CD).

Assim, para a decisão de voto em Ricardo Coutinho foi levado em conta a avaliação de seu desempenho político e administrativo (voto racional). Tratou-se de um voto retrospectivo e prospectivo com olhos voltados para a mudança. Eleitores demonstravam “cansaço” em relação aos vários mandatos do candidato José Maranhão, como também da troca entre esse e Cássio Cunha Lima no governo do estado nos últimos anos. De modo que um governo de Ricardo Coutinho representava a possibilidade de inovar e renovar, uma vez que esse é jovem, tem “visão para os jovens” e visão de futuro. Tratou-se também de um voto baseado na identificação com a imagem e os valores representados pelo então prefeito de João Pessoa, quais sejam: transparência, honestidade, inovação, modernidade, democracia.

Eu acho que o povo quer mudança. Todo mundo conhece Ricardo como um bom administrador e ele não tá envolvido em casos de corrupção. Acho que ele representa uma mudança pra melhorar em tudo (Homem, 34 anos, João Pessoa, CD).

As pessoas vão votar nele pela mudança e pelo que ele fez em João Pessoa, também pelo apoio do prefeito de Sousa. A gente tem que dar um voto de confiança pra ver se ele vai realmente fazer essa mudança. José Maranhão foi governador três vezes, teve a chance dele de mostrar serviço e agora é hora de mudança e quem representa a mudança é Ricardo Coutinho (Mulher, 48 anos, Sousa, CD).

Eu voto nele porque eu já tô cansada que ficar só entre Cássio Cunha Lima e José Maranhão e nenhum dos dois não faz nada (Mulher, 46 anos, Cajazeiras, CD).

É o seguinte: eu sou muito sincero, eu votei nele nas eleições passadas (em José Maranhão), mas hoje eu não voto mais nele porque eu quero mudança. Quem acha que o governo dele tá bom, não tá não. Ele tá querendo tirar R\$5.000.000,00 da saúde aqui de Sousa. Coisa que não pode tirar porque a saúde tá controlada. Não tá tão controlada mas se tirar essa verba vai piorar muito. E outras coisas. Esse projeto ai do asfalto que era pra sair o dinheiro, ele tá prendendo porque o prefeito não é do lado dele. Já tem muitas ruas calçadas já, mas falta muito ainda... O prefeito daqui não apóia José Maranhão, então ele não

aprova o que o prefeito quer. E toda vida vai ser assim porque a cidade é uma cidade de política (Homem, 52 anos, Sousa, CD)

O desejo de mudança esteve fortemente associado à reprovação de práticas clientelistas, revanchistas e nepotistas que seriam problemas ainda presentes no estado. Entre os entrevistados residentes em Sousa, era forte o sentimento de que a cidade estava sendo prejudicada pelas rivalidades e revanchismo entre governador e prefeito, em geral adversários políticos que, por isso, deixariam de priorizar o bem estar da população. Nesse caso, tanto as gestões de Cássio Cunha Lima quanto à de José Maranhão teriam deixado de apoiar ações que beneficiariam a cidade (aeroporto e faculdade de medicina teriam ido para Cajazeiras por essa razão) por terem naquele momento um prefeito que não era seu aliado na cidade. Nesse sentido, votar em Ricardo Coutinho significaria votar num governador que sendo aliado do prefeito iria trabalhar juntamente com o mesmo pela melhora da cidade.

Além das ações valorizadas, em Campina Grande, segundo maior colégio eleitoral do estado, Ricardo Coutinho contava com apoio de Cássio Cunha Lima, a principal força política da região. Assim sendo, Ricardo Coutinho detinha a preferência dos eleitores dos dois maiores colégios eleitorais da Paraíba, preferência que se consubstanciou em votos decisivos para sua vitória no segundo turno. Entre os eleitores de Cajazeiras e Sousa, o apoio de Cássio Cunha Lima era também valorizado fortalecendo a candidatura do candidato do PSB.

Agora, esses votos que Ricardo Coutinho vai ganhar são de Cássio Cunha Lima, por isso que ele se coligou a Cássio. Ele vai ganhar os votos de Cássio. Cássio é apoiado no sertão. O povo no sertão gosta muito de Cássio. Ele fez muitas coisas. Ele fez rodovias. Mandou verbas pra os prefeitos das cidades do sertão pra eles fazerem saneamento nas ruas, pavimentação, asfalto. Quase tudo que tá sendo feito na gestão atual foi coisa conseguida por Cássio na gestão dele (Homem, 44 anos, Cajazeiras, CD).

Ele vai ser bom porque ele tem uma visão de jovem e tá aliado a Cássio, que é o ex-governador e que também tem uma visão boa pra Paraíba. (Homem, 35 anos, Sousa, CD).

Em suma, no contexto investigado, a decisão de voto em Ricardo Coutinho baseou-se em grande medida na avaliação de desempenho administrativo. Em segundo lugar, foi possível constatar maior identificação com o candidato cuja imagem passou a representar renovação e modernidade em contraposição à imagem desgastada do adversário José Maranhão associado a um período no qual o estado estava fortemente vinculado ao “atraso” e as “oligarquias” que dominaram o estado. Atributos de imagem do candidato do PMDB eram identificados para corroborar a percepção negativa, tais como: “antigo”, “interiorano”, “pouco inteligente”, “revanchista”, “vingativo”. Em terceiro e último lugar, a estratégia política e discursiva de impingir o rótulo de “oportunista” à coligação com o PSDB de Cássio Cunha Lima não foi bem sucedida. Para os eleitores entrevistados, os partidos pouco importavam já que “não votavam no partido, votavam na pessoa”. A Paraíba não é diferente do Brasil no que tange a baixa identificação partidária e seu impacto sobre a decisão de voto.

Não importa muito a quem ele está aliado o que importa é o caráter dele. Não tem nada a ver porque quem vai ser eleito e quem vai administrar é ele e não quem está do lado dele (Mulher, 32 anos, Sousa, CD).

Por fim, na modernidade o antigo foi frequentemente vinculado ao atraso que deveria ser superado pelo novo, pelo “progresso” e na Paraíba de olhos voltados para a modernidade não coube mais o atraso representado por José Maranhão.

Referências

ALBUQUERQUE, Jose Augusto Guilhon. Identidade, oposição e pragmatismo: uma teoria política do voto. Lua Nova, São Paulo, n. 26, p. 53-79, ago. 1992.

BALBACHEVSKY, Elizabeth; HOLZHACKER, Denilde Oliveira. Identidade, oposição e pragmatismo: o conteúdo estratégico da decisão eleitoral em 13 anos de eleições. Opinião Publica, Campinas, v. 10, n. 2, p. 242-253, out. 2004.

BAQUERO, Marcello. Eleições e capital social: uma análise das eleições presidenciais no Brasil 2002-2006. Opinião Publica, Campinas, v. 13, n. 2, p. 231-259, nov. 2007.

BOHN, Simone R. Social Policy and Vote in Brazil: Bolsa Familia and the Shifts in Lula's Electoral Base. Latin American Research Review, v. 46, n. 1, p. 54-79, 2011.

CAMPBELL, Angus; CONVERSE, Philip; MILLER, Warren E.; STOKES, Donald. The american voter. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc., 1965.

CARREIRAO, Yan de Sousa. A decisão de voto nas eleições presidenciais brasileiras. Florianópolis/Rio de Janeiro: Ed. da UFSC/Ed. da FGV, 2002.

_____. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. Opinião Publica, Campinas, v. 13, n. 2, p. 307-339, nov. 2007.

CARREIRAO, Yan de Sousa; KINZO, Maria D.Alva Gil. Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil 1989-2002. Dados, v. 47, n. 1, p. 131-168, 2004.

CARVALHO Fernando J. C. Da morte política a consagração: indagações sobre o significado da reeleição de Lula. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 76, p. 9-15, nov. 2006.

CASTRO, Monica M. M. Sujeito e estrutura no comportamento eleitoral. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 7-19, 1992.

DIMENSTEIN, Gilberto. A explicação do enigma Lula. Folha de São Paulo, São Paulo, Cotidiano, 4 jun. 2006.

DOWNS, Anthony. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: Edusp, 1999.

FIGUEIREDO, Marcus. A decisão de voto. São Paulo: Idesp/Sumare, 1991.

FIORINA, Morris. Retrospective voting in american national elections. New Haven: Yale University Press, 1981.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som . Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GOVERNO Lula criou 2.464 milhões de empregos em 4 anos. O Estado de S. Paulo, Cidades, 24 dez. 2006.

HUNTER, Wendy; POWER, Timothy J. Rewarding Lula: executive power, social policy, and the Brazilian elections of 2006. *Latin American Politics & Society*, Coral Gables, v. 49, n. 1, p. 1-30, Spring 2007.

KEY, Valdimer Orlando, Jr. *The responsible electorate: rationality in presidential voting, 1936-60*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 1966.

LAVAREDA, Antonio. *A democracia nas urnas: o processo eleitoral brasileiro 1945-1964*. Rio de Janeiro: Iuperj/Revan, 1999.

_____. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAZARSFELD, Paul; BERELSON, Bernard; GAUDET, Helen. *The people's choice*. New York: Duell, Sloan & Pearce, 1944.

LICIO, Elaine Cristina; RENNO, Lucio R.; CASTRO, Henrique Carlos de O. Bolsa família e voto nas eleições presidenciais de 2006: em busca do elo perdido. *Opinião Publica*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-54, jun. 2009.

LIPSET, Seymour M.; ROKKAN, Stein. *Party systems and voter alignments*. New York: Free Press, 1967.

MACHADO, Monica. A retórica da reeleição: mapeando os discursos dos programas eleitorais (HGPE) em 1998 e 2006. *Opinião Publica*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 159-189, jun. 2009.

MENDES, Antonio M. T.; VENTURI, Gustavo. Eleição presidencial: o plano real na sucessão de Itamar Franco. *Opinião Publica*, Campinas, ano 2, v. 2, n. 2, dez. 1994.

MENEGUELLO, Raquel. Electoral Behavior in Brazil: the 1994 presidential elections. *International Social Science Journal*, London, n. 146, p. 627-642, dez. 1995.

MERTON, Robert; KENDALL, Patricia. The focused interview. *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 51, n. 6, p. 541-557, may 1946.

MORGAN, David; KRUEGER, Richard A. (Eds.). *The Focus Groups kit*. Thousand Oaks, CA: SAGE. 1998. 6v.

NASCIMENTO, Janaina Xavier. Para uma teoria da identidade na modernidade: mudanças e permanências a luz do reconhecimento e do feminismo. 2005. 193 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) . Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, [2005].

_____. Comportamento eleitoral: racionalidade, identidade e personalismo no voto em Lula da Silva em Salvador. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 55-77, jul.-dez. 2011.

PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio (Eds.). Antropologia, voto e representação política. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

PIMENTEL JUNIOR, Jairo Tadeu. Razão e emoção no voto: o caso da eleição presidencial de 2006. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) . Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, [2007].

REIS, Fabio Wanderley. Identidade, política e a teoria da escolha racional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 26-38, fev. 1988.

RENNO, Lucio; CABELLO, Andrea. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 39-60, out. 2010.

RENNO, Lucio; HOEPERS, Bruno. Voto estratégico punitivo: transferência de votos nas eleições presidenciais de 2006. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 86, p. 140-161, mar. 2010.

SAMUELS, David. As bases do petismo. *Opinião Publica*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 221-241, out. 2004.

SILVEIRA, Flavio. Escolha intuitiva: nova modalidade de decisão do voto. *Opinião Publica*, Campinas, v. 2, n.2, p.61-72, dez. 1994.

SINGER, Andre. Identificação ideológica e voto no Brasil: o caso das eleições presidenciais de 1989 e 1994. 1998. Tese (Doutorado em Ciência política) . Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, [1998].

SOARES, Glaucio Ary Dillon; TERRON, Sonia Luiza. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição: explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial. Opinião Publica, Campinas, v. 14, n. 2, p. 269-301, nov.2008.

_____. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997.

TAYLOR, Charles. Argumentos filosóficos. São Paulo: Loyola, 2000.

VEIGA, Luciana. Em busca de razões para o voto: o uso que o homem comum faz do horário eleitoral. 2001. 246 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) . Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, [2001].

VENTURI, Gustavo. Determinações e significados da reeleição de Lula. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE OPINION PUBLICA WAPOR, 1., 2007, Colônia del Sacramento, Uruguai. Trabalhos apresentados. Colônia del Sacramento: WAPOR, 2007.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). Metodologias de Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54-66.